

PAULO FONTES



Um Nordeste EM SÃO PAULO

*Trabalhadores migrantes
em São Miguel Paulista
(1945-66)*



Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)

Rio de Janeiro: FGV, 2008.
(346 p.)

Paulo Fontes

Larissa Rosa Corrêa¹

Distante cerca de 25 quilômetros do centro da cidade de São Paulo, em meio a terrenos esparsos, chácaras e matagais, estabeleceu-se a Companhia Nitro Química, produtora de fibras artificiais e produtos químicos, empresa considerada uma das maiores e mais importantes do país. Com ela vieram os operários: inicialmente, a mão-de-obra local e trabalhadores experientes transferidos de outras unidades fabris; mais tarde, ainda nos anos de 1940, chegaram os trabalhadores migrantes – provenientes, em sua maioria, de zonas rurais pertencentes a municípios de Minas Gerais, do interior do estado de São Paulo e, principalmente, do Nordeste brasileiro.

Período conhecido pela expansão urbana e industrial na região metropolitana da cidade de São Paulo, os anos de 1945 a 1964 foram marcados, no campo político, pela formação de alianças e negociações entre o Estado e a classe trabalhadora, intermediadas pelos sindicatos oficiais e pelas lideranças políticas locais e estaduais. No âmbito paulista, destacavam-se o trabalhismo getulista, a atuação do Partido Comunista do Brasil (PCB) e a forte presença dos políticos Ademar de Barros e Jânio Quadros.

Esse é o cenário do livro de Paulo Fontes, fruto da pesquisa para sua tese de doutorado, defendida em 2002, no programa de Pós-Graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/ Unicamp). O autor não apenas discute o conceito de comunidade e seus limites, como também procura analisar as especifici-

dades de um grupo estabelecido na periferia da cidade de São Paulo. Desde o início, o leitor é advertido das diferenças teóricas entre as noções de “bairro” e “comunidade”. Fontes esquiva-se das armadilhas conceituais que tendem a idealizar o bairro como comunidade homogênea, onde a solidariedade seria interpretada como fenômeno inerente ao grupo comunitário. Por outro lado, o autor evita analisar apenas os elementos fragmentadores da comunidade, mostrando consciência e embasamento teórico e metodológico para lidar com o referido conceito.

Assim, o bairro de São Miguel Paulista constituiu o palco ideal para análise dos diversos fatores, características e experiências históricas que tornam um determinado local e uma coletividade passíveis de análise. A presença da Companhia Nitro Química, símbolo do “progresso” naquele período, é o fio condutor que amarra as mais diversas e semelhantes experiências vividas pelos migrantes na “terra do trabalho”. A fábrica influenciava e, muitas vezes, determinava o ritmo dessas relações. O corpo administrativo da companhia, mesmo na década de 1940, já era bastante experiente. Donos de um dos maiores complexos industriais do país, as Indústrias Votorantim – propriedade de Antonio Ermírio de Moraes, localizada na cidade de Sorocaba/SP – já eram conhecidas desde a década de 1920 por suas medidas paternalistas, que conjugavam disciplina e controle fabril por meio da oferta de benefícios materiais aos operários².

Mais do que um bairro periférico, Paulo Fontes amplia o entendimento sobre a comunidade de São Miguel, na medida em que sua pesquisa nos mostra a construção e o desenvolvimento de um conjunto de relações sociais em que predominavam alianças e organizações informais, a ajuda mútua entre trabalhadores migrantes estabelecidos e aqueles em trânsito. Local onde os moradores compartilhavam dos mesmos códigos culturais e de uma linguagem comum, uma cultura operária que se desenvolvia e se transformava à proporção que novos migrantes eram integrados à comunidade. O desafio enfrentado pelo historiador foi criar uma narrativa capaz de articular as relações sociais travadas no cotidiano daquela comunidade com as esferas regional e nacional. Em sua análise, privilegia as diferentes estratégias elaboradas pelos trabalhadores em relação às questões políticas e sociais, buscando compreender, de modo bastante pormenorizado, o contexto político local, as ligações dos trabalhadores e familiares do bairro com as autoridades e partidos políticos, contemplando também as ações da classe trabalhadora dentro e fora da fábrica. Nesse sentido, destaca-se a importância da participação dos trabalhadores de São Miguel na Greve dos 400 mil, realizada na cidade de São Paulo no ano de 1957.

O olhar apurado do autor permite-nos conhecer as relações cotidianas dos moradores, que se expressam nas “pequenas” questões, anseios, in-

teresses e sentimentos dessa comunidade. Ao interpretar as atividades desses migrantes (desde a “pelada” de final de semana até o encontro de amigos no botequim), Fontes, apoiado numa extensa bibliografia que tem como denominador comum a ação dos sujeitos históricos anônimos, detecta o sentido político dessas ações, valorizando os espaços de cultura e lazer para a formação de uma identidade operária. Afinal, é justamente através da análise dos significados dessas “pequenas” ações, articuladas em sua maioria nos liames informais entre familiares, amigos, conterrâneos e membros da comunidade, que o autor investiga a construção das redes sociais, fenômeno fundamental para a viabilização do processo migratório dos nordestinos para a capital paulista. Em meio à complexidade dessas relações foi possível observar a ação dos trabalhadores como atores políticos participativos do processo de urbanização da cidade de São Paulo.

Para se aproximar do real sentido de comunidade, o pesquisador narra uma série de histórias, coletadas em entrevistas com os moradores de São Miguel Paulista, que permitem conhecer a luta desses migrantes rumo à conquista do “sucesso”. Em outras palavras, “vencer na vida” era sinônimo de trabalho digno, moradia própria e direitos. Aliás, quem já foi ao bairro e conversou com os locais conhece a fama ainda bastante presente de Aureliano de Andrade, considerado o único vereador eleito sucessivamente no bairro e personagem central da saga dos migrantes narrada por Paulo Fontes.

As histórias do senhor Artur, seu Lima, dona Benedita e tantos outros retratados pelo autor também nos permitem acompanhar a luta dos trabalhadores nitrenses e suas relações com o Sindicato dos Trabalhadores Químicos, empregadores e a política local. Nesses relatos, destaca-se a organização dos trabalhadores de São Miguel na luta por melhores condições de trabalho e moradia, por meio de associações formais e informais e outras redes de solidariedade. Nas associações de bairro, Fontes percebeu a composição diversificada de associados, em que os moradores compartilhavam de diferentes valores comunitários. No entanto, a heterogeneidade dos grupos não os impedia de criar um espaço de articulação e interação entre as organizações. Esses movimentos propiciaram a construção de uma identidade comunitária entre os trabalhadores, baseada nas especificidades regionais inerentes aos migrantes e no desenvolvimento de uma cultura operária.

Um dos grandes méritos da pesquisa de Paulo Fontes é sua contribuição historiográfica. Seu trabalho contrapõe-se à ideia, bastante difundida pelos sociólogos dos anos 1960 e 1970, de que o suposto “fracasso”, “apatia” e “ausência de consciência de classe” do movimento operário brasileiro explicavam-se pela “origem rural do proletariado brasileiro”. Influenciado pelos estudos históricos realizados nas décadas de 1980 e 1990, o autor ana-

lisa a classe trabalhadora não apenas sob a ótica das questões peculiares ao mundo do trabalho, como greves e sindicatos. O denso trabalho de pesquisa lhe possibilitou articular as diversas experiências da classe operária, sensibilizando o leitor para a complexidade dessas relações, em que se interpõem cultura e lazer, movimentos reivindicatórios, sindicalismo, religião, política e economia. O cruzamento desses elementos, tão valorizados pelo autor, permitiu ainda o entendimento, a partir da visão dos próprios trabalhadores migrantes, de como eles se posicionavam em relação aos demais setores da sociedade, como partidos políticos e suas lideranças, Igreja e empregadores. Não obstante, Fontes procurou compreender como essa comunidade vivenciou o processo de urbanização e industrialização ocorrido na segunda metade do século XX e de que maneira ela reagiu a esse movimento.

Ainda no campo das contribuições teóricas e metodológicas, Fontes discute os conceitos de populismo e trabalhismo, optando, contudo, por não abandonar completamente ambos os termos. O autor resgata aspectos importantes da história da migração brasileira utilizando um leque bastante variado de fontes, como os jornais da grande imprensa e os periódicos locais e sindicais, além da pesquisa minuciosa da documentação policial (DEOPS) e do acervo privado da Nitro Química, entre outros conjuntos³. Por fim, esse estudo nos mostra como o uso da história oral pode ser muito bem-sucedido quando feito em conjunto com a análise de outras fontes documentais. Para se ter uma ideia, a obra usa 42 entrevistas realizadas com trabalhadores.

Um Nordeste em São Paulo reconstrói a história da migração nordestina durante as décadas de 1940 a 1960 no contexto da industrialização e urbanização. Bem diferente dos trabalhadores “apáticos”, desde o primeiro capítulo o autor nos apresenta homens e mulheres migrantes que fizeram escolhas próprias, mostrando como o movimento migratório era uma atitude estrategicamente elaborada e articulada dentro das redes sociais construídas pela classe trabalhadora. O debate gerado em torno da “questão nordestina” também não escapou à análise do autor, que procurou nos jornais da grande imprensa ecos da presença migrante na cidade de São Paulo.

No segundo capítulo Fontes se dedica a narrar a história do bairro de São Miguel Paulista, além de definir o papel da Companhia Nitro Química naquela região. A propósito, seria interessante realizar uma pesquisa comparativa entre as duas propriedades da família Moraes (Nitro Química e Indústrias Votorantim) para perceber as diferenças e similaridades no tocante aos dois projetos de dominação da mão-de-obra e organização da classe trabalhadora. Não menos interessante seria perscrutar a formação das diferentes identidades de bairro e culturas construídas em cada uma delas. Um

dos eventos semelhantes que me chamou a atenção foi a atuação do PCB no bairro de São Miguel e as atividades do partido na fábrica das Indústrias Votorantim em Sorocaba⁴. O partido parece ter utilizado estratégias semelhantes para conquistar e influenciar o operariado dessas duas regiões.

Ainda nessa temática destacam-se as diferentes posturas adotadas pela família Moraes em relação aos movimentos emancipatórios realizados em ambos os distritos industriais, encabeçados pelas comunidades locais. O objetivo desses grupos era conquistar melhores condições de habitação e infraestrutura por meio da concentração da arrecadação de impostos. No caso de São Miguel, Fontes mostra que a empresa era contra a emancipação, não poupando estratégias para conter o movimento dos trabalhadores. Já no caso do complexo industrial Votorantim, a família Moraes havia apoiado o movimento com a intenção de poupar o alto valor dos impostos cobrado pela cidade de Sorocaba⁵. Todavia, esse não é o objetivo do livro.

Já no terceiro capítulo, o livro trata da formação de uma cultura operária estabelecida em São Miguel, que ultrapassa as fronteiras do espaço fabril. Nele são abordados os lares que configuram os espaços comunitários, assim como os elementos agregadores e desagregadores da comunidade, o que inclui as diferenças étnicas e regionais, relações de gênero e os diferentes níveis de ascensão social.

Os capítulos quatro e cinco são dedicados à compreensão dos movimentos políticos e sociais naquela região periférica. Nesse cenário, encontram-se as disputas e os conflitos entre os diferentes partidos políticos e a comunidade de São Miguel. Fontes detém-se especialmente na análise sobre a atuação do PCB e suas estratégias políticas para se integrar à classe trabalhadora e formar trabalhadores militantes. Por fim, o autor busca compreender a figuração do movimento político e eleitoral no bairro dentro das esferas “micro”, estadual e nacional. Nessas relações, destaca-se o papel dos vereadores e deputados locais que atuavam como elo entre os moradores da comunidade e as instâncias políticas maiores, mostrando que era preciso mais do que eleger um candidato local para garantir direitos; era preciso cobrar e aprender a negociar com eles.

Apresentando aos leitores muito mais do que meros “baianos” na cidade de São Paulo, a obra aprofunda o conhecimento do impacto e da presença dos trabalhadores migrantes na região, identificando rivalidades, preconceitos e outras tensões travadas entre aqueles viajantes que ansiavam por melhores condições de vida e outros grupos já estabelecidos na cidade. Nesse movimento histórico, somos guiados pelo autor a identificar uma enorme rede de solidariedade e associativismo entre cearenses, pernambucanos, baianos, sergipanos e outros tantos migrantes, todos personagens centrais do livro de Paulo Fontes.

NOTAS

¹ Doutoranda em história social do trabalho pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), bolsista Capes. Contato da autora: larissarosacorrea@hotmail.com.

² Sobre a história do complexo industrial Votorantim, ver: ARAÚJO NETO, Adalberto Coutinho de, *Sorocaba operária*. Sorocaba: Linc, 2005. Entre as estratégias de dominação utilizadas pela empregadora, destacam-se a construção das vilas para os operários e a venda de bens considerados de primeira necessidade no armazém da empresa, o único da região.

³ Paulo Fontes também pesquisou documentos do *Public Record Office* em Londres e *National Archives* em Washington. Essas duas últimas fontes permitiram-lhe registrar aspectos das lutas políticas e sindicais travadas naquela região, bem como as transformações econômicas e sociais ocorridas no país aos olhos atentos dos diplomatas e viajantes estrangeiros.

⁴ Cf. ARAÚJO NETO, Adalberto Coutinho de, *Sorocaba operária*, *op. cit.*

⁵ Parte da história do movimento de emancipação do distrito de Votorantim é narrada no documentário *História viva da cidade de Votorantim*, produzido pela ONG Memória Viva no ano de 2006.